

1

Algumas primeiras palavras

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta.

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

(Freire, 2006, p. 25)

A pesquisa surgiu inicialmente de meu interesse em estudar a fala-em-interação em comunidades carentes, procurando entender os processos que contribuem para exclusão e/ou a dificuldade de acesso de muitos à ordem social, e, fundamentalmente, compreender o papel da linguagem em tais processos. De forma específica, a pesquisa procurou atender à demanda trazida pelo Prof. Dr. Claudio Costa Neto, representante do Instituto Vila Rosário.

O convite para participar dos projetos junto ao Instituto aconteceu após uma reunião na PUC-Rio, onde o Prof. Claudio expôs a situação da região de Vila Rosário, em Duque de Caxias, RJ, e falou sobre a atuação do Instituto, uma organização não governamental que atua na prevenção e combate à tuberculose na região. Assim, esta pesquisa vinculou-se aos projetos de pesquisa “Vila Rosário: Práticas discursivas da comunidade e representação social na prevenção e educação no combate à tuberculose”, coordenado pela Profa. Dra. Maria das Graças Dias Pereira, minha orientadora, e “Vila Rosário: o discurso institucional e profissional na prevenção e educação no combate à tuberculose”, com coordenação da Profa. Dra. Clarissa Rollin Pinheiro Bastos e co-coordenação de Maria das Graças Dias Pereira.

A princípio, só possuía uma certeza: minha pesquisa estaria voltada à comunidade. Assim, iniciei a pesquisa participando das reuniões de trabalho na sede do Instituto, procurando observar o que acontecia, embora meu foco residisse

nos moradores e em suas relações com as agentes de saúde, também moradoras da região. Comecei, então, a perceber algo que se repetia em todas as reuniões de que participei: as agentes sempre contavam histórias. As narrativas estavam lá em vários momentos de uma mesma reunião, com diferentes narradores, e também com a participação de outras agentes.

Observei também que contar histórias no contexto de reunião de trabalho era uma prática muito restrita às agentes e passei a me perguntar qual a importância e o significado das narrativas. Deste modo, surgiram as primeiras perguntas que impulsionam este trabalho: Qual o papel das narrativas nas reuniões? Como as agentes contam essas narrativas e para quê? Como elas aparecem nas narrativas? E os moradores, como são projetados?

Estas primeiras perguntas me levaram a pensar se os moradores também faziam uso de narrativas durante as visitas das agentes para o monitoramento, e esta indagação levou a perguntas semelhantes àquelas das agentes: Que narrativas os moradores contam? Qual o papel destas narrativas na vida deles? Como eles as contam? Que projeções pessoais, sobre as agentes e sobre a tuberculose surgem nas narrativas?

Neste sentido, a pesquisa foi dividida em duas fases distintas: a análise das narrativas das agentes de saúde em contexto de reunião de trabalho e a análise das narrativas dos moradores em situação de visita de monitoramento, cujo objetivo geral consistiu em investigar o papel das narrativas nas interações.

Com o objetivo geral delimitado, cada fase da pesquisa apresenta um desdobramento para objetivos específicos, ampliados a partir das perguntas iniciais, no sentido de apresentar uma análise mais abrangente, que busca observar as fases de forma holística, mas sem generalizações amplas sobre os resultados apresentados.

Como objetivos específicos, procuro observar em que momentos as narrativas são acionadas, isto é, como os narradores compreendem o enquadre interativo como o momento de se acionar uma narrativa. Também pretendo analisar como as narrativas são estruturadas e organizadas nas interações, buscando entender os processos de criação de coerência ao longo das interações. Objetivo também observar os pontos narrativos para analisar por que são contadas e o que elas realizam, isto é, o que as narrativas fazem além de relatar uma sequência de eventos.

Compreendendo a narrativa como espaço para construção e negociação de identidades (Bamberg, 2004; Bamberg e Georgakopoulous, 2008; De Fina, 2003, 2006; De Fina e Georgakopoulous, 2008; Georgakopoulous, 2007; Linde, 1993), busco também analisar as construções e projeções identitárias que emergem nas narrativas, suas relações com a tuberculose e com as condições socioeconômicas dos moradores.

Os objetivos específicos, formulados a partir das perguntas de pesquisa, servem para delinear as análises dos dados, norteadas pelos pressupostos teóricos e metodológicos em que se insere a pesquisa. Assim os capítulos foram divididos buscando contemplar essa organização, e também apresentar uma revisão bibliográfica, notas etnográficas e a descrição do contexto e participantes.

Início, então, com uma revisão de literatura sobre agentes comunitários de saúde (ACS), no próximo capítulo, procurando compreender o perfil governamental esperado para estes profissionais e as discussões mais recentes sobre suas responsabilidades e possibilidades de atuação. A subseção 2.1. apresenta uma visão mais geral dos ACS e a segunda parte, 2.2., traz discussões sobre um estudo específico sobre os ACS em Duque de Caxias.

O capítulo 3 apresenta o suporte teórico da pesquisa, que se insere em uma perspectiva sociointeracional do discurso em interface com abordagens da Análise da Narrativa. Esta parte do trabalho divide-se em quatro seções principais:

(i) A primeira seção apresenta a área de estudos de narrativas e aborda teorias que discutem principalmente por que as pessoas contam histórias (Brockmeier e Harré, 2008; Bruner, 1997; De Fina e Georgakopoulou, 2008; Labov, 1992; Linde, 1993, 2001, 2009; Riessman, 1993; Sacks, 2007; Sarangi, 2008; Schiffrin, 1996).

(ii) A segunda seção foca em como as pessoas organizam as histórias que contam (Bamberg, 2004; Bruner, 1997; Garcez, 2001; Georgakopoulou, 2007; Georgakopoulous e Bamberg, 2008; Labov, 1992, 1972; Labov e Waletzky, [1967] 1997; Norrick, 2005; Ochs e Capps, 2001; Polanyi, 1979; Sacks, 1972, 1974).

(iii) A terceira seção trata dos pressupostos da sociolinguística interacional norteadores desta pesquisa (Bateson, 1972; Goffman, 1971, 1974, [1979] 2002; Gumperz, [1982^a] 2002, [1982] 2002, 1999a; Pereira, 2002; Ribeiro e Garcez, 2002; Tannen e Wallat [1987] 2002).

(iv) A última seção concentra-se nas construções identitárias emergentes nas narrativas e em processos que ajudam a construir identidades (Ahearn, 1999, 2001; Bastos, 2005; Bauman, 1996; De Fina, 2003, 2006; Duranti, 2004; Fabrício e Bastos, 2009; Georgakopoulous e Bamberg, 2008; Holmes e Marra, 2005; Langellier, 2001; Sacks, 1992; Schiffrin, 1996).

Sobre o detalhamento das seções do capítulo 3, a seção 3.1. procura situar a Análise da Narrativa como área de estudos, se desdobrando nas seguintes subseções: 3.1.1. apresenta teorias que tentam explicar por que as pessoas contam histórias; 3.1.2. traz a noção de histórias de vida, isto é, as histórias sobre eventos marcantes da vida de uma pessoa; 3.1.3. aborda a noção de narrativa como prática e centra-se nas histórias em contextos de trabalho. A segunda seção, 3.2., apresenta, no item 3.2.1., o modelo canônico de narrativas; a subseção 3.2.2. traz também outras características das estruturas narrativas, que estão mais distantes ou mesmo próximas da narrativa laboviana; e o item 3.2.3., mostra como se organizam as histórias em uma interação. A seção 3.3. aborda os fundamentos da Sociolinguística Interacional; a subseção 3.3.1. traz o conceito de enquadres e esquemas de conhecimento, que exploram como as pessoas interpretam um dado momento da interação; seguido da noção de *footing*, que pode ser considerada como um desdobramento do conceito de enquadres, além das pistas de contextualização, que sinalizam mudanças de enquadres e de *footing*. A última seção, 3.4., foca a relação entre construções identitárias e narrativas, apresentando na primeira subseção, 3.4.1., teóricos que abordam a narrativa como lugar para construção e negociação de identidades; o item 3.4.2. aborda o conceito de categorização e como as pessoas categorizam nas narrativas; a subseção 3.4.3. traz a noção de agência na e através da linguagem, em oposição a uma noção de agência da linguagem; e, a última parte da seção, 3.4.4., trata da performance e agência, isto é, como as narrativas são construídas e como a agência é representada via linguagem.

O capítulo 4 é dedicado aos aspectos metodológicos da pesquisa e informa sobre o contexto e os participantes da pesquisa. A primeira parte do capítulo, 4.1., desdobra-se em subseções para descrever a região de atuação do Instituto, Vila Rosário, Duque de Caxias; apresentar um histórico do Instituto Vila Rosário e sua missão; apresentar e descrever as funções e responsabilidades das agentes de saúde do Instituto e apresentar os moradores de acordo com a visão institucional.

A segunda parte, seção 4.2., apresenta o aporte metodológico, que é de natureza qualitativa interpretativista (Denzin e Lincoln [2003] 2006), e insere-se em uma abordagem etnográfica de orientação micro (Erickson, 1992; Geertz, 1973; Mattos, 2001), tratada no item 4.2.1.. A subseção 4.2.2. discute também o posicionamento do pesquisador como analista (Sarangi, 2002, 2004, 2006; Roberts e Sarangi, 2003), no item .

O quinto capítulo contém minhas notas etnográficas, onde busco apresentar mais informações que colaboram para a análise dos dados gerados. O capítulo divide-se em seções com notas sobre o Instituto e as agentes de saúde, 5.1.; sobre a região de Vila Rosário e os moradores, 5.2.; e sobre minha participação na pesquisa, 5.3.. A quarta seção, 5.4., traz a composição dos dados para a análise, subdividida em itens que abordam como os dados foram gerados no Instituto e nas visitas aos moradores. A seção 5.5. trata da seleção e organização dos dados para a análise e traz as categorias de análise utilizadas para as narrativas das agentes e dos moradores.

Os capítulos 6 e 7 foram dedicados às análises e interpretações dos dados, assim como às discussões iniciais dos resultados. Ambos os capítulos apresentam duas grandes seções: a primeira trata da análise das estruturas narrativas e das interações, e a segunda seção centra-se na análise das construções e projeções identitárias.

As subseções da primeira parte são topicalizadas, remetendo ao tema central do conjunto de narrativas analisadas de cada agente ou morador. Cada subseção apresenta análises de fragmentos distintos das narrativas selecionadas de cada narrador, numa sequência que segue a ordem linear das interações. A segunda seção de cada capítulo trata das construções identitárias e de agência. Esta seção subdivide-se em subitens que tratam das construções do *eu* e do *outro*, e da análise da agência nestas construções.

O último capítulo da dissertação apresenta as considerações finais, aprofundando as discussões iniciadas nos capítulos de análise, apontando os resultados principais e sugerindo possíveis desdobramentos deste trabalho para pesquisas futuras.

Como possíveis contribuições desta pesquisa, destaco a possibilidade de:

- contribuir com os estudos sobre comunidades carentes e doenças relacionadas à pobreza, buscando entender o papel da linguagem e da

comunicação para o entendimento das questões socioeconômicas e culturais associadas;

- contribuir para discussões acerca dos estudos sobre narrativas, especialmente aqueles relacionados a perspectivas interacionais;
- contribuir para os estudos sobre diferenças sociais, exclusão e cidadania, através de análises linguísticas que possam também colaborar para que aquelas comunidades sejam ouvidas.

Acrescento que a relevância desse projeto pode ser ilustrada pela necessidade de pesquisas voltadas à demanda específica do Instituto Vila Rosário, com vistas a respostas práticas para o melhor atendimento à comunidade local, mas que também reflete problemas sociais de ordem macro. Portanto, pesquisas como essa são importantes na medida em que problemas sociais locais exemplificam um quadro mais amplo presente em nossas sociedades.